

Fitch vê risco de o Brasil ficar abaixo da meta fiscal

Diário Público
REUTERS
NOVA YORK

A agência de classificação de risco **Fitch** expressou preocupação sobre o desempenho fiscal do Brasil, afirmando na quinta-feira que o superávit primário do país em 2006 pode ficar ligeiramente abaixo da meta de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB).

O superávit fiscal é um dos pilares da política econômica do governo. Desde que Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a Presidência, sua equipe vem cumprindo ou até superando as metas fiscais oficiais.

“As metas fiscais continuam desde que (o presidente) Lula tomou posse e a meta do superávit foi elevada em 0,5 ponto percentual, para 4,25%, do PIB”, lembrou Roger Scher, analista da Fitch, em teleconferência.

Apesar disso, com uma nova equipe econômica liderada pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, que era um crítico da política monetária, e a eleição presidencial em outubro, que estimula gastos públicos, o Brasil poderia ficar abaixo da meta. “Existem algumas tendências preocupantes nas finanças públicas do Brasil”, disse Scher.

“No entanto, nossa base para o caso ainda é, se eles ficarem dentro da meta fiscal ou possivelmente um pouco abaixo, que eles não vão ter o tipo de performance acima da média que vimos nos anos anteriores”, afirmou o analista.

Uma meta alta de superávit primário busca reduzir a grande carga de endividamento do Brasil e diminuir o déficit orçamentário nominal, atualmente em cerca de 4% do PIB. A redução no buraco do orçamento ajudaria o Brasil a liberar mais crédito para o setor privado e a diminuir as taxas de juros.

Em fevereiro, o superávit para 12 meses foi de 4,38% do PIB. Os dados de março devem sair na próxima quarta-feira.

O Brasil tem superado as metas de superávit primário com uma margem segura, criando um grande colchão nos primeiros meses de cada ano. Mas, em 2006, os analistas dizem que chegar à meta será especialmente difícil.

“O que se questiona é se a mudança na cúpula da equipe econômica representará a mesma postura firme para mostrar resultados além da meta que nós tivemos com (o ex-ministro Antonio) Palocci”, declarou Scher.

No governo brasileiro, por sua vez, o ministro Guido Mantega reforçou o compromisso do país com a meta fiscal, afirmando na terça-feira que o consultor que duvidar do seu cumprimento vai “quebrar a cara”.

“A meta não é para inglês ver, a meta é para ser cumprida... Nós vamos fazer 4,25 (por cento do PIB do superávit primário)”, disse Mantega a jornalistas.